

Diversidade Conceitual de Cultura em Mazzaropi: Análise fílmica sob a ótica de Geertz, Williams e Bosi¹

Juliana Junqueira

Doutoranda em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás

Professora de Jornalismo da Faculdade Araguaia

Resumo

O presente artigo objetiva relacionar os conceitos de cultura trabalhados pelos teóricos Raymond Williams, Clifford Geertz e Alfredo Bosi com a produção cinematográfica de Amácio Mazzaropi, que elegeu o caipira como personagem principal de seus 32 filmes produzidos entre 1952 a 1981. A título de recorte, foi selecionado o filme “Um caipira em Bariloche” (1973) para análise. Verificamos a presença destes conceitos em diversas sequências do filme e concluímos que a teia cultural do indivíduo pode ser ampliada já que ele está em constante processo comunicativo com outros indivíduos e com diferentes situações. Concluímos também que a relação entre as culturas de massa e popular pode ser positiva.

Palavras chave:

Palavras-chave

Cultura, Teia, Comunicação, Mazzaropi.

Introdução

Os filmes do cineasta são frequentemente exibidos na TV Brasil, e costumam registrar audiência mais alta do que o restante da programação da emissora, perdendo apenas para eventos localizados, como o desfile de 7 de setembro ou algumas transmissões do Campeonato Brasileiro. (PORTAL EBC, 2016)

Amácio Mazzaropi foi um dos principais nomes do cinema brasileiro apesar de muitas vezes ignorado pela crítica especializada. Filho de imigrantes italianos e portugueses que fixaram residência em Taubaté, interior de São Paulo, se destacou na infância por seus talentos artísticos.

A trajetória profissional do cineasta começou no teatro, mas em 1952 ele faz a sua entrada no mundo do cinema ao receber da produtora Vera Cruz o convite para

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2019.

protagonizar “Sai da Frente”. Com 40 anos de idade e experiente em representar a figura caipira, Mazzaropi entrega uma atuação de verve cômica e simples, longe do padrão americanizado perseguido na época. Essa dinâmica viria a se repetir pelo resto de sua carreira, em seus 32 filmes.

Artista e empreendedor, Mazzaropi funda sua própria companhia de cinema, a PAM (Produções Amácio Mazzaropi) e passa não só a produzir, mas distribuir os filmes em todo o Brasil. O primeiro filme da nova produtora é “Chofer de Praça”.

Amácio Mazzaropi morre em 1981 com 33 filmes no currículo, sendo que o último “ Maria tomba Homem” não foi finalizado. O polêmico produtor, ator e diretor levou ao cinema cerca de 200 milhões de espectadores nos 32 longas-metragens que protagonizou e acumulou uma fortuna estimada em 30 milhões de dólares. Números impressionantes considerando a indústria cinematográfica brasileira do século XX.

Em entrevista à Revista Veja, Mazzaropi se declara como um “cara” comprometido com o cinema brasileiro e com a diversão da sociedade:

Conte minha verdadeira história, a história de um cara que sempre acreditou no cinema nacional e que, mais cedo do que todos pensam, pode construir a indústria do cinema no Brasil. A história de um ator bom ou mau que sempre manteve cheios os cinemas. Que nunca dependeu do INC – Instituto Nacional do Cinema – para fazer um filme. Que nunca recebeu uma crítica construtiva da crítica cinematográfica especializada – crítica que se diz intelectual. Crítica que aplaude um cinema cheio de símbolos, enrolado, complicado, pretensioso, mas sem público. A história de um cara que pensa em fazer cinema apenas para divertir o público, por acreditar que cinema é diversão, e seus filmes nunca pretenderam mais do que isso. Enfim, a história de um cara que nunca deixou a peteca cair. (VEJA, 1970)

Mazzaropi assumidamente escreveu, dirigiu e atuou nos seus filmes com o intuito de divertir o público, mas neles incluiu críticas sutis à valores e crenças da época. O cineasta dedicou sua carreira à representação da cultura caipira como uma forma de resistir aos novos valores que surgiam na sociedade brasileira entre os anos de 1950 e 1980.

O êxodo rural, a modernização das cidades, a criação de uma nova capital da república, a consolidação do capitalismo e a busca desenfreada por um estilo de vida fortemente ditado e influenciado pelos Estados Unidos provocou o surgimento de novas culturas no Brasil: a cultura do consumo, a cultura dos workaholics, a cultura das cidades, entre outras. Novas culturas surgem e passam a influenciar o cotidiano e os valores dos

indivíduos. Mesmo assim, a cultura caipira, sertaneja, permanece e parece contrastar com os novos valores citadinos.

Esse artigo objetiva refletir como os conceitos de cultura desenvolvidos por autores como Clifford Geertz (antropólogo estadunidense), Raymond Williams (acadêmico galês) e Alfredo Bosi (historiador brasileiro) estão presentes na filmografia desenvolvida por Amácio Mazzaropi que tem no homem caipira o personagem central.

Mazzaropi foi escolhido como tema para esse artigo pois, além de representar o objeto de pesquisa da tese da autora, contribuiu imensamente para o desenvolvimento da indústria cinematográfica no Brasil e para a preservação da cultura sertaneja no país. O presente trabalho não visa apresentar um texto conclusivo acerca da relação entre os conceitos de cultura dos autores supramencionados e os filmes de Mazzaropi, mas sim reflexões sobre esta conexão.

Cultura no plural: culturas

Sim! É extremamente reducionista tentarmos atribuir um único significado e entendimento para o vocábulo cultura. Os significados são diversos e se modificam a depender do contexto em que a palavra é utilizada, por isso devemos pensar e refletir sobre ela sempre no plural: Culturas.

Partindo desse raciocínio, trazemos para o diálogo o professor e historiador brasileiro Alfredo Bosi (1992), que com maestria, descreve a multiplicidade de sentidos e significados da palavra cultura. Em seu trabalho “Cultura Brasileira: Culturas Brasileiras”, Bosi afirma que não é possível falar em uma única cultura em uma sociedade de classes como a brasileira e que o reconhecimento do plural é extremamente necessário. O autor entende que cultura é uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo coeso.

Ele afirma que temos no Brasil a cultura erudita, centralizada no sistema educacional e principalmente nas universidades e a cultura popular, que corresponde aos valores materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano que ainda não assimilou completamente as estruturas simbólicas da cidade moderna.

Bosi também elenca outros dois tipos de cultura que surgiram com o alargamento da sociedade urbano-capitalista: a cultura criadora, que é a criada por escritores, compositores, artistas plásticos, dramaturgos e demais intelectuais que não vivem dentro da universidade e a cultura de massas, advinda da indústria cultural que oferece

entretenimento por meio dos meios de comunicação de massa como a televisão, do cinema e o rádio.

Compreendidas as culturas brasileiras destacadas por Bosi, faz-se importante aprofundarmos no conceito que ele desenvolveu sobre Cultura Popular.

Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem- mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar.

Bosi destaca que é impossível analisar a experiência popular considerando apenas partes ou tópicos desta cultura, ou seja, para compreendê-la é difícil analisar apenas o modo de cozinhar, deve-se investigar o modo de falar, de andar, de conversar com a família, os cantos, os ritos religiosos, o modo de trabalho, enfim, todos os elementos que fazem com que essa cultura seja considerada popular. Do contrário, haverá uma compreensão reducionista.

Para Alfredo Bosi, as culturas brasileiras se encontram ou podem se encontrar em diversos momentos. A cultura erudita, representada pelas universidades, pode fazer uso de elementos da cultura popular para alfabetizar o homem iletrado. “ A principal ação do educador é levar o homem iletrado não à letra em si, mas à consciência de si, do outro, da natureza”. (BOSI, 1992, p. 318)

Um exemplo disso é ação desenvolvida pelo educador Paulo Freire em 1963 na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. À época, Freire alfabetizou 300 adultos em 45 dias ao fazer com que eles passassem a relacionar as palavras aprendidas ao contexto social e cultural da comunidade. Temos portanto, um relacionamento eficaz entre a cultura erudita e a cultura popular.

Alfredo Bosi também reflete sobre a relação entre a cultura popular e a cultura de massa. Para ele, a exploração que a cultura de massa faz das manifestações populares ainda não foi capaz de interromper o dinamismo lento, mas seguro e poderoso da vida arcaico-popular. A diminuição das comunidades rurais e das manifestações populares é

fruto muito mais de investidas do sistema capitalista do que da exibição das mesmas nos meios de comunicação de massa.

Ao nosso ver, os representantes e praticantes de manifestações da cultura popular podem inclusive fazer uso dos meios de comunicação de massa, que possuem um grande poder econômico e ideológico, para divulgar e preservar esta cultura.

Clifford Geertz (2008) entra agora no presente diálogo para contribuir com a reflexões sobre cultura. Para ele, cultura é algo que não é passível de definições, mas sim de percepções, estando em constante transformação. Geertz conceitua cultura como uma teia de significados tecida pelo próprio indivíduo a partir de conhecimentos que recebeu e experiências que viveu ao longo da vida. Isso significa que a cultura existe em um espaço público e por isso deve ser compartilhada frequentemente.

A teia de significados orienta a existência humana. Trata-se de um sistema de símbolos que interage com os sistemas de símbolos de cada indivíduo numa interação recíproca. Geertz, define símbolo como qualquer ato, objeto, acontecimento ou relação que representa um significado. Compreender o homem e a cultura é interpretar essa teia de significados.

A conceituação de Geertz representa uma das mais generosas e acertadas formas de se entender a cultura levando em consideração a natureza complexa e plural que o conceito carrega, ou seja, a todo tempo, o autor também ousa e pensa em culturas e não em cultura.

É importante repetir e ressaltar que apesar da teia de significados ser desenvolvida pelo indivíduo, ela só se torna realidade porque este indivíduo vive em sociedade e participa, constantemente, de trocas de significados com outros indivíduos. Assim podemos afirmar que só existem culturas na esfera pública, em um ambiente em que cidadãos compartilham conhecimentos, experiências, hábitos, memórias e valores. As culturas só existem e coexistem no tempo porque são compartilhadas.

Outro autor que compartilha dessa visão de cultura enquanto partilha é o sociólogo galês Raymond Williams. Para o autor o termo cultura representa as “relações entre elementos em um modo de vida global” (WILLIAMS, 2001, p. 63). A referência mais óbvia de Williams é a ideia de comunidade. As pessoas vivem juntas e compartilham certo tipo de organização, a qual treinou suas mentes para as diversas atividades conformadoras da prática social em seu conjunto.

Raymond Williams confere à comunicação uma função fundamental no processo de consolidação das diversas culturas. É o processo comunicativo que dá prova da existência de uma rede de significados que estão por toda parte: não apenas na língua falada e escrita, mas em toda sorte de imagens, padrões, ritmos e tons.

Williams (2001) vai, portanto, categorizar cultura em três categorias: cultura como ideal, cultura como documentação e cultura como modo de vida, sendo que esta última nos interessa neste artigo já que ele tem o objetivo de analisar o modo de vida do caipira representado nos filmes de Mazzaropi.

Nessa definição, de natureza social ou sociológica, a cultura refere-se a estilos de vida particulares, articulados por meio de significados e valores comuns, oriundos de instituições e expressos no comportamento ordinário. A análise da cultura torna-se, aqui, a clarificação desses significados e valores, sejam eles implícitos ou explícitos. O estudo de determinada cultura permite descobrir certas ‘leis’ ou ‘tendências’ gerais, pelas quais o desenvolvimento social e cultural como um todo pode ser mais bem compreendido. (WILLIAMS, 2001, p. 58).

Vimos até aqui que Bosi (1992) elenca a existência de quatro categorias de cultura (erudita, criadora, popular e de massa); que Geertz (2008) acredita que cultura representa uma teia de significados construída pelo próprio homem a partir de sua vida em sociedade e que Williams (2001) defende que a comunicação é fundamental para a consolidação e estabelecimento de culturas e que essa só acontece em comunidade.

Observamos que os pontos de convergência entre estes autores estão na defesa de que não é possível pensar na existência de apenas uma definição de cultura e que os processos culturais só acontecem na sociedade, quando há compartilhamento de saberes.

Com a breve explanação de conceitos feita, passamos agora a analisar como, ou se, as ideias dos autores aqui trabalhados estão presentes na obra de Mazzaropi.

Análise dos conceitos de cultura(s) em “Um caipira em Bariloche”

O filme “Um caipira em Bariloche” foi produzido em 1973 pela PAM, Produções Amácio Mazzaropi, indústria cinematográfica criada pelo cineasta e que arrecadou mais de 30 milhões de dólares entre as décadas de 1950 e 1980.

“Um caipira em Bariloche” é um dos filmes do cineasta que obteve maior bilheteria e conta a história de Polidório, um fazendeiro ingênuo cai na conversa do genro

e vende suas terras para um vigarista que engana a todos, inclusive sua própria esposa, uma argentina honesta e desiludida com o amor. O filme foi gravado em Taubaté, nos estúdios da PAM, Rio de Janeiro e também em Buenos Aires e Bariloche na Argentina.

Como dito acima, a trama tem como ponto central a venda da fazenda de Polidório para um vigarista, Agenor, amigo de Zé Luíz, genro do protagonista. Sem ter onde morar, Polidório e a esposa, Edwiges, se mudam para São Paulo onde moram a filha, Marina, e o genro. Este último na verdade é quem convence o protagonista a vender sua propriedade rural para Agenor mesmo sabendo que o comprador interessado não havia dinheiro suficiente para adquiri-la.

Agenor é casado com a argentina Nora, vítima frequente de maus tratos. Para se livrar de Polidório, Agenor o convence a ir para Bariloche, cidade natal de Nora, para buscar o dinheiro necessário para efetivação da compra da fazenda. Partem para o estrangeiro portanto Nora e Polidório. Na Argentina, Nora decide não retornar ao Brasil e transfere seus direitos de proprietária para o caipira, escrevendo ainda uma carta que incrimina o marido e pode ser utilizada para anular a venda. Polidório retorna ao país, desmascara o antagonista e retoma seu bem mais precioso: a Fazenda Guacyra.

Explanada a trama, tentaremos agora relacionar os conceitos de cultura trazidos no primeiro ponto deste artigo com o filme. Para facilitar a compreensão, vamos descrever algumas sequências mais significativas da produção cinematográfica e como os conceitos de cultura se fazem presentes nelas. Para tanto, utilizamos a metodologia de análise fílmica.

A **sequência um** do filme começa com imagens panorâmicas do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, cena essa que é embalada pela canção “Rio, carnaval dos carnavais”, interpretada pela extraordinária Elza Soares. No ponto turístico se encontram os casais Marina e Zé Luíz, filha e genro de Polidório, Agenor e Nora, os interessados na compra da fazenda Guacyra. A conversa entre eles gira em torno da negociação. Fica claro também que Marina e Zé Luíz estão na cidade em lua de mel.

Diferente de outros filmes produzidos por Mazaropi, este tem início na cidade e não na zona rural, o que demonstra que o urbano começa a influenciar as produções do cineasta. Ele não pode ignorar a existência da urbe e para não fugir de sua temática central, o homem caipira, faz questão de introduzi-lo no meio urbano.

Nesta sequência voltaremos nossa atenção à personagem Marina, filha de caipiras, que se mostra inteiramente confortável e adaptada à vida citadina. Exibe cabelos tingidos com um loiro platinado, vestido justo, maquiagem e fala que foge à linguagem caipira.

Remontemos aos conceitos de Williams (2001), para quem a base da cultura é a comunicação. Assim podemos afirmar que ao chegar na cidade, a personagem é receptora de uma série de mensagens que se traduzem na fala das pessoas, nas roupas, no comportamento, nas propagandas, no conteúdo transmitido pela televisão. Tudo isso é comunicação. Marina se comunica com a cultura da cidade e passa a incorporar alguns de seus elementos. Nesta fração do filme podemos enxergar a obra de Raymond Williams que defende que cultura representa as relações entre elementos em um modo de vida global.



Marina em cena da sequência um. (Frame do filme “Um caipira em Bariloche”)

A **sequência dois** ocorre na zona rural, mais precisamente na Fazenda Guacyra. Marina, Zé Luíz, Agenor e Nora chegam ao local para convencer Polidório a efetuar a venda e assinar a escritura. A possibilidade de venda da propriedade é assunto entre os moradores locais, que se preocupam com o bem-estar do protagonista e defendem que ele não deveria fechar negócio. Neste ponto, o cineasta, ao explorar diálogos dos personagens secundários, deixa claro que, ao contrário dos homens da cidade que querem obrigar o protagonista a fazer um negócio duvidoso, os moradores da zona rural preocupam-se com ele. Aqui também podemos enxergar Raymond Williams que reforça que a cultura acontece em comunidade, ou seja, as pessoas que vivem em um mesmo lugar compartilham dos mesmos valores. Também observamos um dos elementos da cultura caipira: a solidariedade grupal.

É nesta sequência que vemos pela primeira vez o personagem Polidório. Ele está vestido com chapéu, blusa xadrez e calças com a costura alta, assim como os outros personagens secundários que aparecem na zona rural. No diálogo entre ele e a filha, podemos perceber o conceito de Teia de significados de Geertz (2008). Polidório afirma à Marina que não queria vender a fazenda pois lá nasceram seus pais e os pais da esposa e foi a partir daquele local que ele construiu sua casa, sua vida, seus amigos e valores. A cultura do protagonista foi moldada a partir de uma teia que ele mesmo teceu.

Mesmo com esse forte argumento, por pressão do genro, da filha e mesmo da esposa que se deslumbrou com as possibilidades que a cidade poderia trazer, Polidório vende a propriedade e parte para a cidade. O detalhe interessante é que ele se recusa a deixar seu sabiá de estimação, isto é, é como se ele transferisse para o passarinho a sua cultura e personalidade. Ao levá-lo para junto de si, não abandonaria suas culturas e crenças. O passarinho seria a extensão de sua vida no campo.



Mazzaropi como Polidório (Frame do filme “Um caipira em Bariloche”)

As **sequências três e cinco** mostram o estabelecimento de Polidório e Edwiges na cidade. As vestes do protagonista refletem uma tentativa de adequação aos padrões citadinos. Ele agora usa uma camisa azul de manga longa lisa, está com os cabelos bem penteados e botas limpas. Em uma das cenas afirma à família que, na cidade, quer fazer coisas que nunca pôde fazer na roça: ir à missa todo dia, receber a benção do santíssimo e entrar para a fraternidade de São Benedito. Vemos que a mudança para a cidade não retira a forte religiosidade do personagem, uma das características da cultura popular. A teia de Polidório permanece sólida, mesmo que novos elementos culturais venham a somar-

se. Além de mudar seu jeito de vestir, Polidório tenta adequar seu jeito de falar. Observe no diálogo:

Polidório: Preciso evoluir a mentalidade e acompanhar a filosofia contemporânea.
Edwiges: Você tá doente? Nunca vi *ocê* falando desse jeito.
Marina: Bacana pai, o senhor tá evoluindo.
Edwiges: Eu não acostumo *comcê* assim. Eu quero ir embora da cidade.
Polidório: Pra onde?
Edwiges: Pra roça, de onde eu nunca devia ter saído.

Neste trecho exalta-se a língua portuguesa padrão e coloca-se a linguagem caipira como inculta, não evoluída, cafona. Para adequar-se à cidade, era preciso evoluir. Mazaropi, enquanto cineasta e diretor do filme, explora essa situação de maneira cômica e irônica. Ao colocar na fala do seu personagem uma frase completamente descontextualizada, sem sentido, dita apenas para comprovar que Polidório era capaz de falar português na forma padrão, acaba mostrando o quanto a situação era caricata.

Edwiges percebe a tentativa do marido adequar-se a outros padrões e não aprova. É como se não concordasse com a superioridade da língua portuguesa padrão. Propõe portanto o retorno a zona rural, onde poderiam falar como quisessem. O comportamento de Edwiges reflete conceitos trabalhados por Williams. Para Azevedo (2017, p.215), Williams rejeita a ideia de que a mudança histórica possa produzir evidência de subordinação causal. Em outras palavras, ao afirmar a simultaneidade das dimensões da atividade humana, o autor deduz dessa concomitância a inexistência da primazia da esfera econômica sobre as demais dimensões em um modo de vida global.

Entende-se que a cultura cidadina oriunda do aceleração do capitalismo não pode sobrepor-se ou diminuir as culturas pré-existentes. Em seu artigo, “Cultura Brasileira, Culturas Brasileiras”, Bosi (1992) cita escritores modernistas como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Raul Bopp e Cassiano Ricardo, que propunham em suas obras o cruzamento entre culturas e não a sobreposição.

Ele também destaca que é extremamente importante repensar o processo de formação de toda essa cultura popular, que ainda vive sob o limiar da escrita. Certa vertente culta, ocidentalizante, de fundo colonizador, estigmatiza a cultura popular como fóssil. Para essa perspectiva, o fatal é o puro desaparecimento desses resíduos e a

integração de todos os seus sujeitos nas duas formas institucionais mais poderosas: a cultura para as massas e a cultura escolar. (BOSI, 1992, p.325)

Passamos finalmente para a análise das **sequências 6 e 7** que vão narrar a viagem de Polidório e Nora a Bariloche para buscar o dinheiro faltante e a volta do personagem principal para o Brasil, quando retoma a Fazenda Guacyra devido a uma carta-confissão escrita pela argentina que incrimina o marido.

Na Argentina, percebemos que Polidório mantém toda a sua cultura: fuma a todo momento seu cachimbo com a boca torta, usa roupas listradas, fala com saudade do sabiá, mantém seu jeito de andar e falar e exibe comportamento espontâneo mesmo em uma realidade e em uma cultura completamente diversa da sua.

Afirmamos portanto que assim como Polidório, todo indivíduo carrega consigo sua teia de significados que foi formada a partir de experiências e processos comunicacionais. A teia recebe influências que podem se incorporar a ela ou não, isso dependerá das características de cada um.

Neste caso, por exemplo, o personagem principal do filme passou por duas situações: mudou-se para a cidade grande e viajou para o exterior. No entanto, por escolha ou devido ao pouco tempo que vivenciou cada situação, não ampliou a teia (mesmo tentando), mantendo sua cultura, seus valores. Ao contrário de sua filha Marina, que por já vivenciar por mais tempo o cotidiano da urbe ou por estar mais aberta às mudanças, incorporou novos elementos culturais. Ela se inseriu em uma nova comunidade, estabeleceu diferentes comunicações e adquiriu novas culturas, sem claro, abandonar a sua cultura primária.

Marina escolheu viver na cidade já Polidório foi forçado a se mudar e por isso, ao longo de sua trajetória na cidade exibia sempre um sentimento de banzo pela zona rural. Por isso, argumentamos que a ampliação da teia de significados depende da disposição de cada indivíduo.

Considerações finais

Vemos uma convergência entre os conceitos de Geertz, Raymond Williams e Alfredo Bosi. Todos os três autores defendem uma definição ampla do conceito de cultura, advogam para a utilização do termo no plural e ainda afirmam que a cultura do indivíduo é resultado da vida em sociedade, da vivência em um ambiente compartilhado

e que as diversas formas de culturas existentes na sociedade não vivem numa bolha isoladas, mas se encontram e se alimentam, positivamente ou não, umas das outras.

Bosi, sobretudo, relaciona as diversas culturas brasileiras. Para ele a cultura erudita se relaciona com a cultura de massa, esta por sua vez se relaciona com a cultura popular que também pode interligar-se com a cultura erudita.

Na filmografia de Mazzaropi, percebemos esse fenômeno já que a cultura do caipira é representada dentro da indústria cultural. Apesar de confirmar a convergência entre as diversas culturas, Bosi (1992) tem uma visão pessimista acerca da associação da cultura de massa com a popular. Para ele, o típico cômico popular projeta o povo como o outro, explorando-o. Mesmo assim, Bosi defende que uma política de educação da população deva passar forçosamente pelos meios de comunicação de massa mas não devemos esperar da cultura de massas o que ela não quer dar: estímulos para a construção de um mundo que não esteja atrelado ao dinheiro e ao status.

No caso de Mazzaropi, não compartilhamos desta visão do autor, pois pela análise, não acreditamos que o cineasta utilizou-se da indústria cultural apenas com o intuito de lucro, mas sim para preservar e divulgar uma cultura que estava sendo ameaçada frente às inúmeras mudanças oriundas da modernização e urbanização da sociedade.

Como Bosi (1992) mesmo explana, as manifestações populares não dispõem da rede do poder vinculante, nem de uma força ideológica expansiva como a Universidade e as empresas de comunicação. São microinstituições dispersas no espaço nacional e que guardam boas distâncias da cultura oficial.

Creemos que Mazzaropi, empresário, cineasta e ator, percebeu o distanciamento da cultura popular diante das novas comunidades citadinas que surgiam, percebeu a ameaça do desaparecimento dos hábitos, crenças, valores e culturas do homem do campo e por isso decidiu perpetuar o imaginário caipira nesta nova sociedade por meio das lentes do cinema.

Suas produções não visavam apenas o riso desprezioso por parte do espectador, mas objetivavam também levá-lo a uma reflexão acerca das novas culturas provenientes da cidade. Tanto é que a filosofia repassada aos espectadores ia de desencontro aos ideais do sistema capitalista. Os filmes do cineasta defendiam um cotidiano calmo, o trabalho voltado para a subsistência, uma casa confortável mas simples, a solidariedade entre as pessoas, a religiosidade, a preservação das crenças e da cultura do campo. Não há em suas

produções uma busca desenfreada por lucro por parte dos personagens. Não podemos afirmar então que os filmes atendem aos interesses do sistema como propunha Bosi.

Concluimos portanto que os conceitos “Teia de significados” de Geertz e “Cultura enquanto comunidade e comunicação” de Williams podem ser observados no filme “Um caipira em Bariloche” assim como a propositura de Bosi da existência de várias culturas brasileiras que se cruzam. No entanto, propomos uma ampliação e uma visão mais otimista da relação que Bosi faz entre cultura de massa e cultura popular. Acreditamos que estas duas culturas podem se entrelaçar para proporcionar conhecimento, ou ao menos, reflexões ao indivíduo.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Fábio Palácio de. *O conceito de cultura em Raymond Williams*. Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS) São Luís - Vol. 3 - Número Especial Jul./Dez. 2017

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345: Cultura brasileira e culturas brasileiras.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas* / Clifford Geertz. - 1.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro : LTC, 2008.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 239 p

_____. *The long revolution*. Peterborough: Ont. Broadview Press, 2001. p. 1-119.

MUSEU MAZZAROPI. *Um caipira em Bariloche*. Disponível em: <http://museumazzaropi.org.br/filmes/?b=bariloche> Consultado em 10.07.2018.